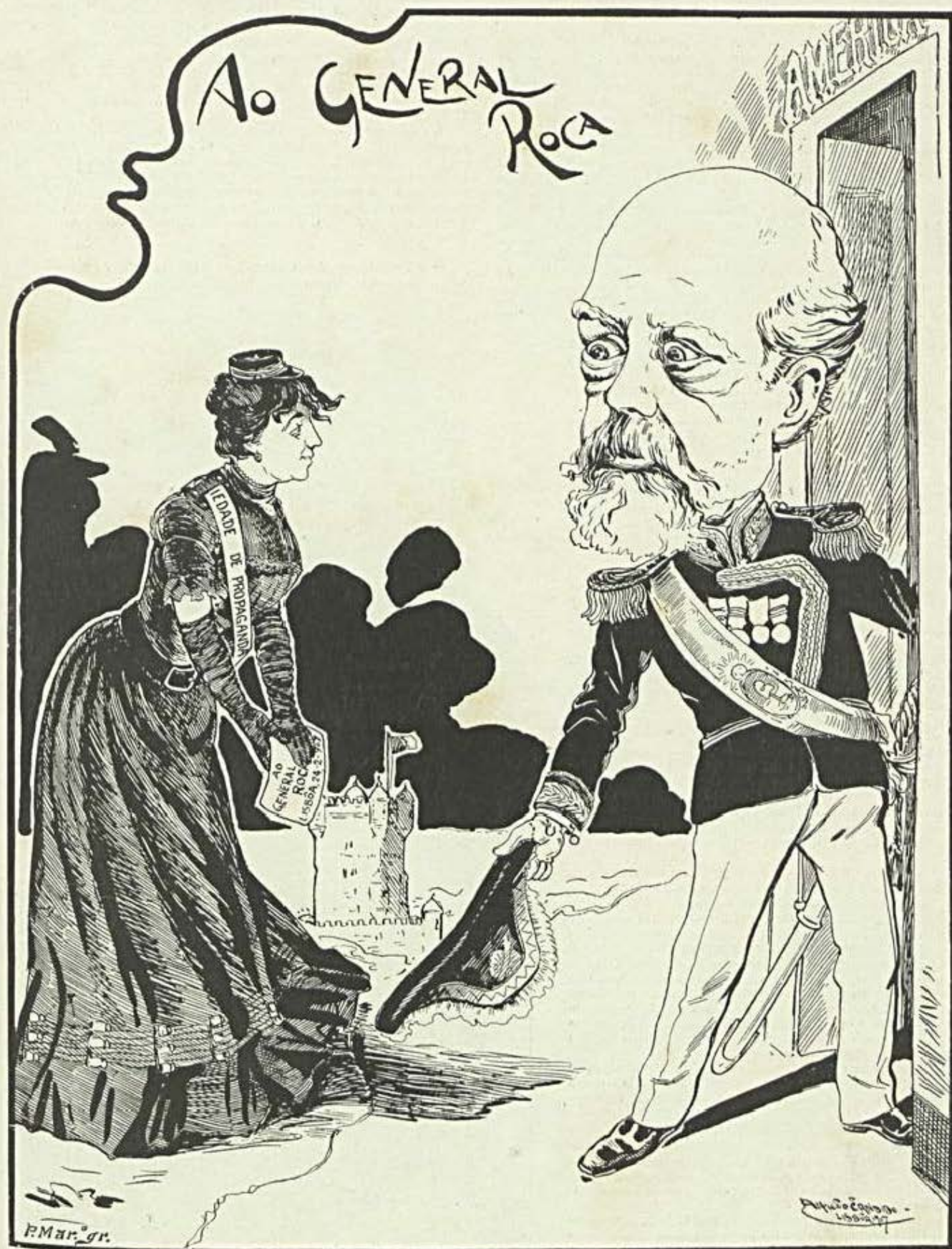


BRASIL-PORTUGAL

1 DE MARÇO DE 1907

N.º 195



EL:— Si vuelvo a Portugal, joven, me caso contigo.
ELLA:— Soy casada, general ...
EL:— ¿Con quien?
ELLA:— Con Mendonza y Costa ...

Os nossos hospedes

Dois principes allemães

São nossos hospedes ha dias dois principes descendentes de infantas portuguezas da casa de Bragança: o principe de Hohenzollern e a princeza Mathilde.

O principe de Hohenzollern, Guilherme Augusto Carlos José Fernando Pedro Bento, é filho do principe Leopoldo de Hohenzollern — irmão da rainha D. Estephania — e da princeza D. Antonia, filha de D. Maria II. Nasceu no Castello de Bernath aos 7 de março de 1864 e renunciou á successão no throno da Roumania que lhe fora offerecida no caso de morrer sem herdeiros seu tio, o actual rei d'aquelle estado, marido de Carmen Sylva, poetisa e escriptora.

Do casamento da infanta portugueza com o principe Leopoldo nasceram, alem do principe Guilherme, que é casado com D. Maria Thereza de Bourbon Sicilia: Fernando principe herdeiro da corõa da Roumania visto seu tio não ter filhos e visto seu irmão ter recusado essa successão (casou com Maria de Saxe Coburgo Gotha) e Carlos Antonio, casado com Josephina da Belgica.

A casa de Bragança alliou-se á de Hohenzollern pelos enlances de D. Pedro V com D. Estephania, e de D. Antonia com o principe Leopoldo.

Este ultimo enlace foi a 12 de setembro de 1861 na capella das Necessidades, tendo na vespera a princeza D. Antonia renunciado, no Paço das Necessidades, a todos os direitos que de futuro, ella, ou os seus descendentes, tivessem á corõa portugueza. O principe Leopoldo de Hoenzollern contava então trinta e sete annos. Reinava ainda D. Pedro V, já viuvo de D. Estephania.

Os noivos partiram para Southamptou a bordo da *Bartholomeu Dias*, de cuja guarnição faziam parte os infantas D. Luiz e D. João.

A proposito da saída de Portugal da princeza D. Antonia, vem a proposito reproduzir a seguinte carta interessante de Castilho, que encontramos na *Revista Contemporanea*:

Instais-me por versos de que se acompanhe o retrato da nossa princeza a Senhora D. Antonia. Bem falaria eu de lançar flores no altar em que a saudade dos portuguezas vae adoral-a em effigie. Tentei, deligencei, insisti; não pude. Outrem que logre essa fortuna. Um homem para o desempenho terieis vós tanto á mão, que até vos é de casa, se a politica, apreciando-lhe o talento e o saber, o patriotismo e a actividade, nol-o não tivesse agora arrebatado para os conselhos da corõa; e assim mesmo talvez que a promptidão d'aquelle raro engenho vos possa acudir n'este grande aperto. Oxalá! Se assim fôr, dar-me-hei eu proprio os parabens da minha actual impossibilidade.

Estamos entrados á estação dos versos; faço-os quasi todos os dias; são ainda as delicias da minha vida. Agora mesmo ali me estão desafiando a cantar não sei que passarinhos nas olaias rosadas do meu jardim. Invoco ao som d'esta musica innocente a suave lembrança d'aquelle anjo de dezesete primaveras, que um amor feliz nos levou para tão longas terras e... não sei, não posso; desenganadamente não posso.

Bem sinto que o mimoso objecto proposto aos meus cantos é um thesouro de todas as virtudes, cercada de todas as graças naturaes e adquiridas, thesouro que nós perdemos, com que a Allemanha se enriqueceu, que toda a Europa e todo o mundo invejaria; mas é tão densa a casta sombra que o recobre desde que entre nós appareceu na terra até o dia de hoje, tem aquella existencia corrido tão sem estrondo socogada por baixo de suas copas verdes e floridas, que mal se lhe percebe, ou cuida perceber, algum murmurio. Isto é muito para a felicidade, sobra para a sympathia, para o amor, para a adoração; mas não me basta a mim para um poema. Para celebrar as fragancias longinquoas da violeta emboscada, é preciso ser o rouxinol.

Iria eu falar do cortejo innumeravel de reis e rainhas, de principes e princezas que derramaram esplendores no seu berço dourado? Não são ella; e quando n'ella penso, desapareceu-me.

Diria que recebeu da mãe as virtudes no sangue e nos exemplos! do pae o affecto, o enthusiasmo do bello, a consagração artistica? do seu Anjo da Guarda a innocencia? do ceo de Portugal a pureza e a formosura? do proprio coração a affabilidade, a caridade, o regoço de rosas de Santa Isabel? Quem ha que o ignore?

A sua vida intima e propria, que era tudo para o nosso caso, devolve-se, repito, obscura por entre as magnificencias a que parece emprestada; a maior parte da sua historia quem a sabe são os pobres, e é Deus que a regista para si.

E' uma indole excellente; eis ahí tudo que pude apurar nas minhas investigações. Se tivesse nascido na obscuridade de uma choupana, se não conhecesse paes, se guardasse um rebanho fiando n'uma roca para subsistir, seria ainda vene-

rada como Princeza por quantos a conhecessem. Torno a dizer, meu caro amigo: isto é muito para a felicidade, mas para a poesia, como vós a quizerdes, e eu ambicionava consagrar-lh'a está muito longe de bastar.

Lisboa, 17 de março de 1862. — A. F. DE CASTILHO.

A princeza Mathilde de Saxe, é filha da infanta D. Maria Anna, quinta filha de D. Maria II.

D. Maria Anna casou dois annos antes de sua irmã D. Antonia (11 de maio de 1859) com o principe Jorge de Saxe, irmão do rei de Saxe, Alberto, a quem succedeu em 1902. D. Maria Anna não chegou a sentar-se no throno: morrera em 1884.

A cerimonia do casamento realisou-se com grande pompa na capella das Necessidades. No dia 14 de maio de 1859 os noivos saíram de Portugal, depois de, n'uma manhã, ouvirem missa em S. Vicente e de deporem uma corõa de flores sobre o tumulo de D. Maria II.

A princeza Mathilde Maria Agostinha Victoria Leopoldina Carolina Luiza Francisca Josephina de Saxe, nasceu em Dresde em 19 de março de 1863. É irmã do rei de Saxe, da princeza Maria José, casada com o archiduque Othão da Austria, do principe João Jorge, casado com a princeza Maria Isabel de Wurtemberg, e do principe Maximiliano, formado em direito e theologia, padre, e lente de direito canonico na Universidade de Friburg, na Suissa.

O *Brasil-Portugal* publica hoje algumas gravuras allusivas á visita, a Portugal, dos dois principes.



Principe de Hohenzollern

Chegado a Lisboa na noite de 20 de fevereiro

Politica internacional

A situação do ministerio francez, que tem estado periclitante desde a celebre divergencia entre o sr. Clemenceau e o sr. Briand na camara dos deputados, melhorou sensivelmente depois da ultima votação parlamentar, em que o governo obteve uma maioria esmagadora. O sr. Briand conseguiu não somente impôr a sua politica conciliadora ao conselho de ministros, mas a propria camara, e, o que mais é, aos proprios grupos radicacs, que tão desalfectos são ao que elles chamam as transigencias do ministro dos cultos. Foi, não ha duvida, uma grande victoria que consolidou por agora o gabinete e que lhe permittirá levar a cabo o ultimo acto da lei da separação, isto é, a organização definitiva do culto catholico sob o novo regimen.

Verdade seja que a divergencia, que tão publicamente se patenteou entre o sr. Clemenceau e o sr. Briand, continua a subsistir latente no seio do ministerio, e que dado o conhecimento da personalidade do presidente do conselho facil é prevêr para mais cedo ou mais tarde nova manifestação de incompatibilidade entre os dois illustres homens de estado. Nem mesmo o sr. Clemenceau é homem para se resignar por muito tempo ao papel secundario, que elle se



O principe de hohenzollern em Lisboa
Visita ao museu das coches reais

viu obrigado pela força das circumstancias a representar durante o ultimo debate parlamentar.

No entretanto a votação da camara desfez por agora as intrigas que se estavam tramando contra o ministerio, afastou a perspectiva de perigosas complicações religiosas e assegurou a execução da lei da separação na sua parte mais delicada.

Outras difficuldades, porém, esperam o governo e não se torna facil prevêr se d'essas o sr. Clemenceau poderá triumphar, apesar de toda a sua habilidade e de todo o seu prestigio pessoal. Referimo-nos à approvação do imposto do rendimento tal como foi apresentado pelo ministro das finanças. Não só este projecto é combatido por toda a opposição, mas nas proprias fileiras ministeriaes encontra mais de um contradictor e muitos defensores tibios, que não des-gostariam de o ver retirado da ordem do dia.

A discussão do imposto do rendimento é que vai ser, mais do que a questão religiosa, a pedra de toque da estabilidade do gabinete. Se elle consegue sair-se bem d'esse debate comprometedor, tem assegurada a existencia por muito tempo. Mas sair-se-ha?

Os resultados das eleições russas para a Duma vieram confirmar as supposições, que aqui mesmo mais de uma vez temos feito. Apesar dos esforços desesperados, empregados pelo governo e pelos seus agentes para fazer triumphar os candidatos reaccionarios, a grande maioria dos eleitos pertence à esquerda, principalmente ao grupo dos «cadetes» e ao dos socialistas democratas e revolucionarios. O espanto e o terror nas espheras da burocracia não se podem descrever.

Até já se fala na eventualidade de uma nova dissolução e no regresso puro e simples à antiga autocracia.

Não cremos que a tal extremo se chegue desde já, quaesquer que sejam as disposições do partido reaccionario a respeito da nova Duma. E não cremos por duas razões igualmente ponderosas. Primeiramente

affigura-se-nos rematada loucura a simples ideia de restabelecer a autocracia, tal como ella existia antes do manifesto de 13 de outubro. Para que tal cousa se tornasse possivel, era mistér supprimir da historia russa a guerra com todos os seus desastres, e a revolução que ha dois annos convulsiona o grande imperio slavo, convertendo-o n'um mar de sangue. Ora como esta suppressão é impossivel, porque não ha poder na terra que tenha a facultade de fazer com que não seja o que existiu, a autocracia moscovita está morta para sempre e ninguem conseguirá chamal-a outra vez à vida. Em segundo logar a dissolução da Duma, em que se fala, não resolveria a situação, antes pelo contrario a aggravaria, dada a im-



O principe de hohenzollern em Lisboa
Visita aos Jeronymos, Rainha D. Amelia e principe de Hohenzollern

possibilidade de poder prescindir d'ella para o futuro. Que lucrô o governo com a dissolução da Duma anterior? Nada, por isso que a nova Duma que a vem substituir é, segundo todas as apparencias, mais radical e mais revolucionaria do que a primeira. E uma terceira que viesse seria mais intratavel do que as duas precedentes.

Vê-se que o movimento de protesto contra o regimen actual calou muito fundo nas massas populares russas, para que possa ser hoje suffocado por medidas de repressão.

Quererá isto dizer que a situação é isenta de perigo para a democracia moscovita? De modo nenhum. Crêmos mesmo que agora é que principia a lucta decisiva entre a reacção e a liberdade na terra dos tzares. O resultado da lucta depende da habilidade dos partidos avançados em obrigarem o governo a capitular, sem lhe darem pretexto para recorrer a novas violencias.

N um brilhante e sensato artigo publicado no fasciculo de janeiro da grande revista liberal de S. Petersburgo, o *Viestnik Evropy* (O mensageiro da Europa) sob o titulo suggestivo de «Nas vespervas da nova Duma» dão-se uma serie de conselhos aos partidos da opposição, que oxalá lhes aproveitem por interesse da liberdade. E não só se dão conselhos, mas apontam-se os erros de tactica commettidos



O principe de hohenzollern em Lisboa
Na Escola Pratica de Infantaria — El-Rei, Principe, ministro da guerra

pela primeira Duma, afim de se evitar a repetição d'elles na Duma, que acaba de ser eleita.

O que no momento actual mais vem complicar a situação são as desordens ou antes os morticínios, que acabam de dar-se em Odessa e que estão enchendo de indignação todos os liberaes na



O principe de Hohenzollern em Lisboa

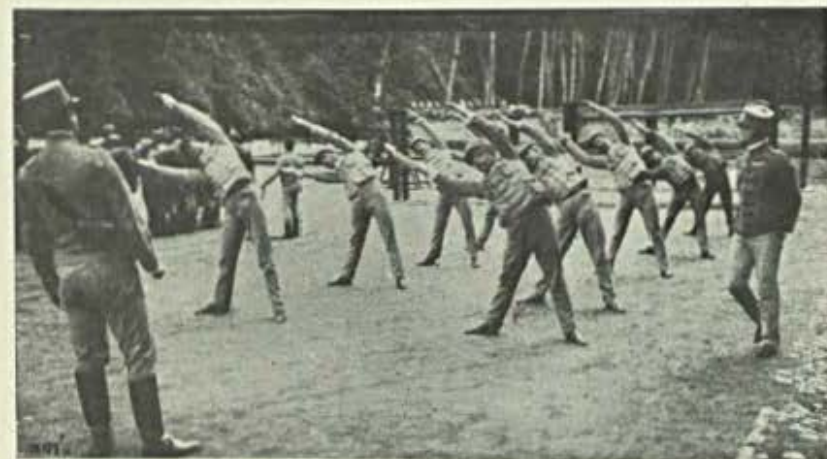
No castello de S. Jorge

O principe de Hohenzollern examinando uma metralhadora Maxim

Russia e fóra d'ella. Com a cumplicidade evidente do general Kaulbars, governador militar da cidade, organisou-se um «pogrom» que durou alguns dias, occasionando numerosas victimas. Chegaram a tal ponto as scenas de criminoso selvageria, que tiveram por heroes os assassinos assalariados da tristemente celebre «União do povo russo», que os consules estrangeiros viram-se obrigados a reclamar providencias para salvaguardar as vidas e a propriedade dos seus nacionaes.

Este morticínio de Odessa, que o governo ainda não estigmatizou como era do seu restricto dever, por isso que ainda conserva governador da cidade o general Kaulbars, deve necessariamente produzir uma deploravel influencia na nova Duma. Vai fatalmente pôr uma nota de intransigencia á attitudo da opposição, que muito conveniente seria evitar. E o que é peor, é que a violencia dos deputados da opposição que são a maioria da Duma, não só se justifica plenamente, como que vae provocar a adhesão de muitos elementos moderados, a quem repugnam estes actos de selvageria, que estão deshonrando a Russia official perante o mundo.

Não pôde ser, pois, mais sombria a perspectiva com que vae abrir-se a nova Duma. Teremos infelizmente de assistir ás mesmas fundadas accusações, que a Duma passada fez ao Ministerio Goremykin. E teremos provavelmente de vêr do mesmo modo esterilizada a acção reformadora da nova assembleia pela teimosia do governo em não querer ceder ao que a nação inteira, quasi que sem excepção, reclama. E assim se vae approximando, pela loucura de uns e pela cumplicidade de outros, a catastrophe suprema em que pôde bem subverter-se para sempre a prosperidade e a grandeza da Russia.



O principe de Hohenzollern em Mafra

Exercícios de gymnastica sueca

O espectáculo que, depois da subida ao poder dos conservadores, está dando em Hespanha o partido liberal é verdadeiramente lastimoso. Ou por suggestões do governo como abertamente se affirmou, ou por iniciativa propria, o partido liberal annunciou que se ia reconstituir sob a chefatura do sr. Moret. Immediatamente aconteceu o que era de esperar, isto é, que os mais avançados elementos do liberalismo com o general Lopez Dominguez e o sr. Canalejas á frente se recusaram a reconhecer o novo chefe, que, ao que parece, só conta com o apoio do sr. Monero Rios. N'estes termos a falada reconstituição fracassará antes mesmo de ter existido, e no campo liberal continuará a anarchia, que impossibilitou o antigo partido de Sagasta de se conservar no poder.

A tentativa de reconstituição no momento actual e sob tal chefe era absurda e estava condemnada de antemão a ter o fim que teve.



O principe de Hohenzollern em Lisboa. — Visita a caçadores 5

El rei, principe de Hohenzollern

general Craveiro Lopes e tenente coronel Sousa Marques

Se os liberaes estando no poder nunca conseguiram unir-se, mesmo sob a ameaça permanente do advento de um governo conservador, como o poderão fazer agora estando na opposição, e com a memoria tão recente dos agravos e das rivalidades que dividiram na sua atribulada vida governativa os diferentes grupos? E como é que se foi escolher para chefe da conciliação o homem que dentro do partido liberal mais resistencias e mais antipathias encontra, sobretudo depois do seu procedimento com o general Lopes Dominguez, derubando-o do poder por um verdadeiro acto de traição politica, conforme foi classificada a celebre carta escripta por Moret ao rei? A verdade é que não foi o partido liberal, que se lembrou de tal chefe para se reconstituir n'este momento. Foi o grupo do sr. Moret que tentou novamente impôr-se aos outros grupos do liberalismo, para ver se, fazendo appello á necessidade urgente da reconstituição do partido, conseguia a desejada preponderancia. A tentativa, porém, faliu como era de presumir e na opposição como no governo o partido liberal continuará esphacelado, sem possibilidade alguma de exercer influencia benéfica nos destinos da Hespanha. Para que o partido encontrasse outra vez a sua unidade era preciso que os actuaes chefes desaparecessem, unica maneira de eliminar as irreductiveis rivalidades pessoais que os separam.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Sapo!...

Quando a treva se derramou serena e lenta — o focinho repellente de um enorme sapo surgiu no envezado rasgão d'uma brenha. E logo, do negrume frio da estufilha, todo o seu curto e grosso corpo molle despejou-se para o declive largo da estrada.

Sob a fuligem da noite elle não tinha fórma precisa: era uma coisa estofada e unctuosa, feia e rude, que se movia aos pinchos, batendo surda e fôfa na poeira calmada do caminho. E aos pulos, compassadamente, precavendo se e perscrutando, vae tangendo na



O príncipe de hohenzollern em lisboa

El-rei e o Príncipe entrando na igreja dos Jeronymos

papeira, de quando em vez, a martelada sonora d'um aviso. Ao repercutir da pancada, coâxos desolados respondem, ao longe. O enorme sapo, então, pára e escuta.

Que se accordou n'essa alma fruste? E' uma duvida, que o retém, ou alguma lembrança, que o eleva?... É vacilla...

... Ha um grande silencio em torno, que se oppõe á palpação d'outra vida, lá — baixo. Elle, porém, continúa, aos arrancos, em saltos, bigorneando o seu alarma, 'té a baixada do val'.

A treva densára-se. Trillos delirantes de larviparos crivam de suspeitas a mancha negra da macega. A pouco e pouco pelas alturas, e de onde em onde, accende-se, subito, uma estrella...

A paisagem não tem cor, debuxa-se n'uma carbonagem forte; recortada e chata seria sombra eafarrapada e extactica ou penedia estorvante e bruta se, por vezes, não n'a accordassem farfalhos bocejantes da ramaria agreste.

E o sapo continúa. Vae só. A solidão envolve-o, a treva protege-o. Ai d'elle, se alguém apparecesse e se a noite não puzesse nos socalcos da escarpa e nas touceiras das quebradas o negror das furnas!... Ai d'elle!... porque ninguem o quer, ninguem o ama... A mão da creança desloca pedras para o lapidar, o cajado longo do pastor esgaravata-o e escorcha-o nas grótas, o bordão da velhice fere-o, as raparigas, então essas, téem-lhe um horror como se topassem bruxédos!

No emtanto, não ferve a peçonha nas suas mandibulas, nem possuiue armas para destruir os campos e arruinar as chôças! É pacífico e bom, mas é feio e repulsivo. Como não mata o homem, o homem não o evita, esma-

ga-o. Teceram lendas, com os dedos ageis da mentira, para o perseguir — elle é o agoiro que arrasta a desventura, é o bruxo dos feiteiros, a alma penada do purgatorio, o mensageiro do inferno. Se penetra o portal d'uma choupana, fugindo aos temporees, ou indo á caça dos destruidores, é que vem para seccar o leite ao seio das mães, cegar creancinhas, estuprar virgindades... E a agua de que bebeu logo ficou salobra, a roupa em que se roçou transformou-se n'um caustico... É o sapo!...

Mas, agora, nos charcos da baixada, pára outra vez e olha. Passam topazios flammejantes, lanternando o negro liso do lódo. Lyrios rescendem... Esmeraldas noctivagas surdem das tabúas e das nymphéas, n'um enxame... Ha diamantes nas folliculas rasteiras do lameiro... Toda uma rutilação no pantano!... O sapo contempla.

Do empapaçado das margens, aqui, além, lá baixo, retine uma orchestra barbara, trillante e aspera, entre cicios febris e coâxos rythmicos. Parece que é o ar que retreme, que a propria treva é uma poeira effervescente e sonora... E o sapo escuta.

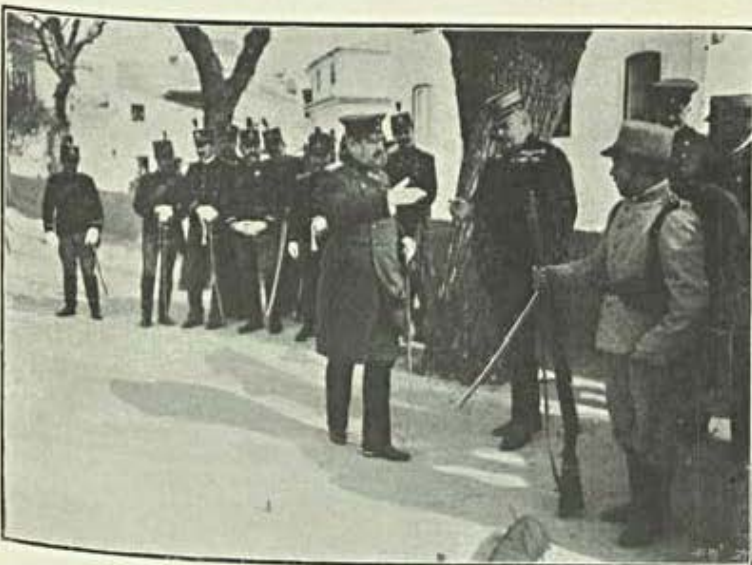
Aquella massa repellente está commovida e contemplativa; e como toda a joalheria dos insectos e o murmuro das trevas o fazem scismador, levanta os bugalhos para o céo, já recamado de estrellas. Deslumbra-se e extasia-se, a vér e a ouvir, n'uma fascinação que lhe traz á ppeira regougos surdinados, como a ensaiar um canto...

Mas, não o diz, não o exprime. Teme perturbar a beleza que o encanta. Talvez nem o entendessem!... ou de terror estrellas e insectos fugissem, a musica cessasse!... É melhor ouvir e ver, em silencio, só comsigo falando. E o sapo escuta e contempla.



O príncipe de hohenzollern em lisboa

Em caçadores 5. — O desmanchar de uma tenda de campanha



O príncipe de hohenzollern em lisboa

Em caçadores 5. — O Príncipe examinando um soldado fardado em ordena de marcha

Pojado nas patas, retésa a cabeçorra para o alto. No arco brusco das orbitas scintillam suas pupillas scismadoras. E' -lhe a postura toda embevecimento e resignação. E — quem sabe? — cada retreme d'estrella, cada phosphorear de pyrillampo, cada som que retine, vae gravando na sua alma rustica a rude estrophe d'algum poema rude!...

Ah! triste vivente, asqueroso batracio, horrendo sapo!... que doce alma de poeta tu possues?... Bom e simples animal, solitaria e inoffensiva creatura, ninguem te quer, ninguem te ama, porque és feio, és feissimo, tens o aspecto nojento duma bostela, e porque não offendes, e porque não seduzes, a maldade dos homens, que é a normal idade humana, te repelle, te injuria, te assassina!

E's sapo! Sapo! irmão dos desgraçados que se amamentaram na Desgraça, igual aos infelizes que nasceram da infelicidade, enxotados, batidos, infamados, porque ninguem os quer comprehender, ninguem os quer ouvir, ninguem os quer a'parar!...

A tua pelle é negra e horrenda, a tua fórma enoja, os teus gestos, os teus movimentos, a tua obscuridade irritam... não, não podes ter uma alma, não podes ser bom. E's máo e estúpido. Porque? Porque és sapo, unicamente sapo... sapo!... sapo!...

GONZAGA DUQUE.

A verdadeira sciencia da mulher vem d'um ensino particular que só uma mãe pode dar.

N. DE BUFFON.

O sacco das nozes

O abbade de uma freguezia costumava fazer a sua pratica aos domingos e reprehendendo os costumes do povo, conforme lhe dava geito. De uma vez disse:

— Eu sei que cá na freguezia anda o costume de obedecerem os homens ás mulheres, o que é contra os mandados da escriptura, e, como diz o outro, vivem como em casa do Gonçalo, onde a galinha pode mais do que o gallo. Ora eu tive este anno muitas nozes no meu passal e aqui declaro que dou um sacco cheio d'ellas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa quem se achar, em sua consciencia, sem este mau costume, póde ir ao passal buscar as nozes.

Estava na igreja um homem casado que era muito ralhão, e que tratava a mulher de mau modo, e em casa ninguem abria bico deante d'elle; disséra para um que estava á sua beira:

— Nozes já eu tenho e é que ninguem m'as tira; pelo menos cá na freguezia ninguem m'as tira.

Chegado o fim da missa, apresentou-se em casa do abbade.

— Aqui estou, senhor; não ha ninguem ahí na freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a do Gonçalo.

— Eu bem sei o teu viver. E, pelo que me teem dito, levas as nozes. Anda cá, vem encher o sacco.

O homem entrou e puxou de um sacco meão. Diz-lhe o abbade:

— O homem! não tinhas lá outro sacco maior do que esse?

— Tinha sim senhor.

— Então porque não trouxeste um sacco bem grande?

— O senhor! eu trazia, mas lá a companheira começou a dizer que era vergonha, teimou que trouxesse um mais maneirinho...

— Ah, grande tratante, despeja-me já essas nozes, que não levas d'aqui nada. E põe-te já no olho da rua.

O homem foi-se arrependido, por lhe ter fugido a lingua para a verdade.

THEOPHILLO BRAGA.

PRINCEZA DE SAXE



A Princeza e o infante D. Afonso



Chegada a Lisboa. — O desembarque



Rainha D. Maria Pia, Princeza de Saxe e infante D. Afonso

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXII

A gripe, a pneumonia, a angina diphterica, Lisboa doente. No quente e de pé. Famílias inteiras estiradas em suas camas. Visita a uma d'ellas. Um pobre dono de casa em palpos de aranha. Aburando a mulher, a sogra, os filhos e a propria creada. Assorda e papas de linhaça. Um gato e um medico. Para estes é que está a vida.

Terrível quadra, esta! Nada menos de trez doenças, a gripe, a pneumonia, a angina diphterica, assolam a capital. Pode dizer-se, sem sombra de exagero, que meia Lisboa está doente perigosamente, na cama, e que a outra metade da população vai resistindo de pé, porque, emfim... é necessário que alguém esteja levantado. Eu proprio sou um exemplo d'este ultimo caso; ando ha mais d'um mez a reagir á gripe. Deus tem-me concedido a energia necessaria para resistir. Elle bem sabe,

Cheirava a febre e a boticadas. Por toda a parte uma desordem, um desmasello medonho de casa onde não ha mulher ou onde a mulher não se pode mexer. (Não levo em linha de conta o caso, alias vulgar, da mulher que não se quer mexer.) O desgraçado andava de um parz outro lado, pasmado, meio idiota, a cahir de somno, de fadiga, e depressão moral.

— Veja isto, meu caro amigo! Veja esta desgraça! Tudo na cama! De pé, só eu e o gato, — aquelle excommungado que nada faz senão comer, que não serve para coisa alguma, berrou o pobre homem, estendendo o punho cerrado para o animal.

Olhei: O gato, agachado n'um aparador entre chicharas de caldo, pedaços de galinha e um tacho com papas de linhaça, piscava o olho e lambia se. O grande canalha tinha o ar de quem, caçoando com tudo aquillo, me perguntasse: — que tal achas este pagode, ó menino?

De todos os cantos d'essa pobre casa, do fundo escuro de todos os quartos, vinha um halito quente e espesso de febre. Em cada um d'aquelles cubiculos uma creatura gemia, tossia, espectorava, chamava pelos santos de sua devoção.

— Oh Joaquim, olha que devem ser horas de dar o remedio á Mercês!

— Oh papá, veja se a vóvó tem a roupa bem conchegada!

— Parece me que são horas de dar o aconito á minha filha, ó senhor! gritava uma voz aspera de sogra, do fundo tenebroso da sua tóca de fera.

A esquadra ingleza em Lagos



Aspectos da bahia de Lagos

O Pae de Misericordia, que eu não tenho tempo para estar na cama alem das oito horas da ordem. Isso é bom para os outros. Cá me vou arrastando, com dores de cabeça, espirros, o corpo moido como uma salada, febre e uma caixinha de menthol com que me vou pitadeando philosophicamente. E ergo as mãos ao ceu, n'um agradecimento, por ficar a coisa por aqui!

Ha casas onde cahiram á cama seis, sete e mais pessoas. De um pobre homem sei eu, que tem a mulher, a sogra, uma irmã, tres filhos e a creada no quente, tudo a gemer, a espirrar, a tossir. De pé apenas elle, o chefe da familia, para tratar de tudo: caldos, remedios, ir á porta, chamar a varina para o carapau do gato, abanar o lume, varrer a casa...

Fui ha dias visitar esse pobre lar. Que desolação! que horror!

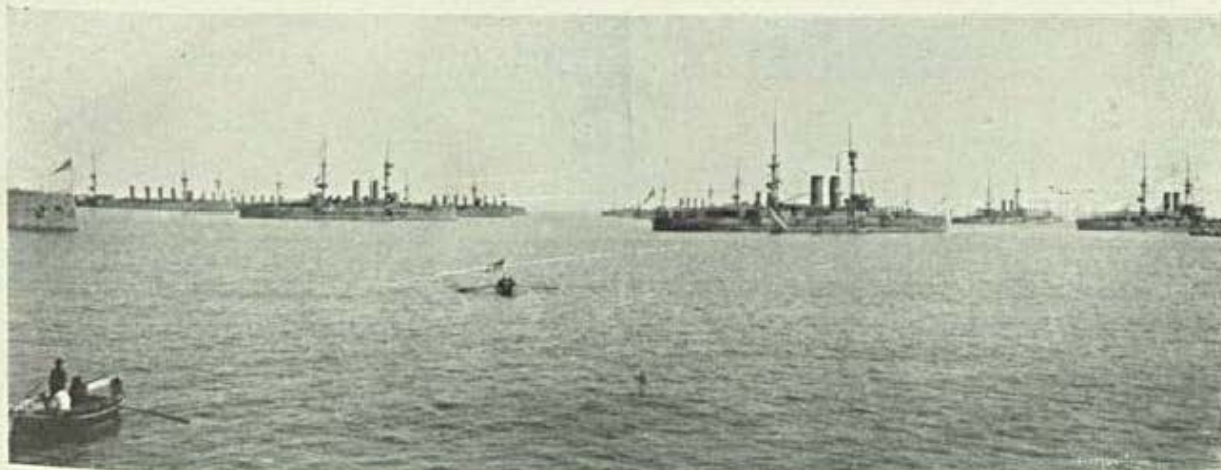
O pobre homem andava n'uma dobadoura, mal comparado como um touro cercado de capas.

— O meu amigo, por quem é, desculpe-me. Mas que hei-de eu fazer! Raio de vida, a minha!

Ia, vinha, tornava a ir, tornava a voltar.

Por fim, cahiu n'uma cadeira.

— Ai! Se isto dura mais dois dias, quem morre sou eu! Valha-me Deus! Valha-me Deus! Imagine como eu tenho esta cabeça: o medico recommendou-me que puzesse uma grande papa de linhaça nas costas de minha mulher. Mal o homem virou costas, fui para a cosinha fazer a papa. N'isto, minha sogra, que com a doença refinou, poz-se a berrar que queria assorda, que lhe fizesse eu um tachinho d'assorda. Ora veja o meu amigo que mania de mulher:



Aspectos da bahia de Lagos

assorda! E por mais que eu lhe dissesse que não, que era uma temeridade, que visse ella se queria ir para os anjinhos... (para os anjinhos, disse eu?... para o grande diabo!) não senhor, poz-se a berrar que eu a queria matar á mingua; que triste coisa era viver ás sopas dos outros, que eu era um algoz... Um inferno. Para a calar, fui fazendo a assorda ao mesmo tempo que preparava a papa. Imagine o senhor: eu a fazer papas de linhaça e assorda, coisas que nunca me passaram pela ideia! Bem. Por fim, quando tudo estava prompto, põem-se as duas a gritar: — Joaquim, a papa! — Oh se-

— O senhor livre-se de tocar no gato!... Livre-se! Olhe que meu marido nunca se atreveu a tanto!

— Oh papá, se maltrata o bichinho, atiro-me da janella!

— O animal não tem culpa!

— Já se sabe que não. O bicho não sabe que a gente está com a grippe!

O palpito do infeliz homem falhara. Levanta-se, e com a cara a uma banda, vexado, como se tivesse a culpa de tudo, despedi-me. O pobre martyr acompanha-me á porta. E mal elle a abriu, o



Aspectos da bahia de Lagos. — Rainha D. Amelia. — Chegada a terra

nhor, então eu morro para aqui de fome?!... Pego nos dois tachos e enfo para os quartos. Appliquei a papa a minha mulher e entre guei o tachinho a minha sogra. Atirei com o corpo para cima d'esta cadeira, julgando que ia enfim descansar uns momentos. N'isto sinto uns gritos horríveis. Era minha sogra. Corro ao quarto d'ella. Atira-me com o tacho á cara dizendo coisas... eu nem quero lembrar-me! Sabe o meu amigo o que eu tinha feito?... Puzera a assorda nas costas de minha mulher e dera a comer a minha sogra as papas de linhaça!

Consolei-o. Por essa Lisboa, havia mil casos como o d'elle. Então, eram ossos do officio! Que pedisse a Deus forças para levar a sua cruz. Aquillo havia de acabar breve. Por fim, alguma das doentes havia de levantar-se, começar a ajudal-o na tarefa misericordiosa de tratar os enfermos.

— Deus o oiça! Porque se isto continua, eu caio, eu tambem caio! Nem me sinto! Ha oito noites que não sei o que é cama. Olhe, em toda a semana não tive um bocadinho de tranquillidade como este que estou gosando. Parece que o meu amigo trouxe a mascotte cá a casa.

— Homem, ainda bem! E agora se me dá licença, vou-me embora.

— Não, não. Deixe se ficar... mais um bocadinho... tenho a certeza de que enquanto o senhor cá estiver terei o meu descanso garantido.

— Bem, bem, não sou homem para desmanchar prazeres. Fico mais um pedaço.

— Muito obrigado, muito... ai! ai, meu Deus! Oh Senhor!... Oh que vida a minha! — E gritava isto com os olhos esbugalhados, pallido de terror, afflictissimo.

— Que é, Joaquim? que foi?! gemeu madame no seu catre.

— O Joli, o maldito do gato, que furtou a perna do galinha que estava no aparador para o jantarinho da Mercês!

— Tu tambem não tens olhos n'essa cara! Ai, que homem!... — Bonito, sim senhor! Bonito! que ha-de a creança comer agora! — berrou a sogra.

— Ora, ora, veja o papá o caso que fez da gente! Louvado seja Deus, nem a comida escapa! — esgançava a menina.

— Aquelle madito, se o apanho!...

— Joaquim, não batas no animal!

Joli esgueirou-se por entre as nossas pernas e desceu rapidamente a escada.

Um ultimo aperto de mão e desci. Em baixo, no portal, o gato lambia uma manita. Entrou um sujeito. Era o medico. Viu o animal e amimou-o. O gato acompanhou o pela escada, dando-lhe marradinhas nas pernas.

E eu sahi pensando que n'esta maldita quadra de grippe a vida está para os medicos e para os bichanos.

Lá em cima, o dono da casa, de murro fechado, ameaçava o gato.

— Ah cão!...

CAMARA LIMA.



A esquadra inglesa em Lagos. — Desembarque no caes de Lagos

O poeta Chiado

No *Cancioneiro alegre* diz Camillo Castello Branco, sem nenhum vislumbre de encarecimento, que Gil Vicente roça com a fronte a máxima elevação da originalidade.

A' parte a *grande e gordurosa chalaga lusitana* ha n'elle um veio constante de deliciosa facecia, de invenção pittoresca, e, amiado, de uma sensibilidade comovedora e profunda.

Haja vista a comedia de *Rubena*.

Depois de se lér a obra prodigiosa do creador do theatro nacional, tudo o que lhe vem a seguir nos parece descorado e dessaboroso.

O proprio Camões com todas as suas vantagens de versificação, e comquanto as suas comedias não sejam *ébauches imparfaites*, como injustamente escreve Simondi, não consegue, pela natureza especial do seu genio, subir áquellas regiões lavadas e fustigadas pela aragem galhofeira.

Sá de Miranda e Antonio Ferreira, magistrados graves e sabichões togados, mal saberiam andar por uns caminhos eriçados de tojos, onde o pudor rasgaria as suas vestes mais candidas. Desprezando a senda, ainda ha pouco arroteada, metteram pé nas amplas estradas por onde haviam rodado, magestosamente, os carros gregos e latinos.

— "O meu nome é comedia, — lê-se no prólogo dos *Estrangeiros*; mas não cuideis que me haveis por isso de comer, porque eu nasci em Grecia, e lá me foi posto o nome, por outras razões que não pertencem a esta vossa lingua."

Aqui está, em brevissimas palavras, o decreto de affastamento da trilha encetada, original no corte e de uma fragancia acre, para que a marcha se dirija em outro piso, mais areado e plano, mas cujas sebes, em vez de bravias musquetas, alardêam apenas uns canniços seccos e apumados.

Taes são os inicios do theatro portuguez.

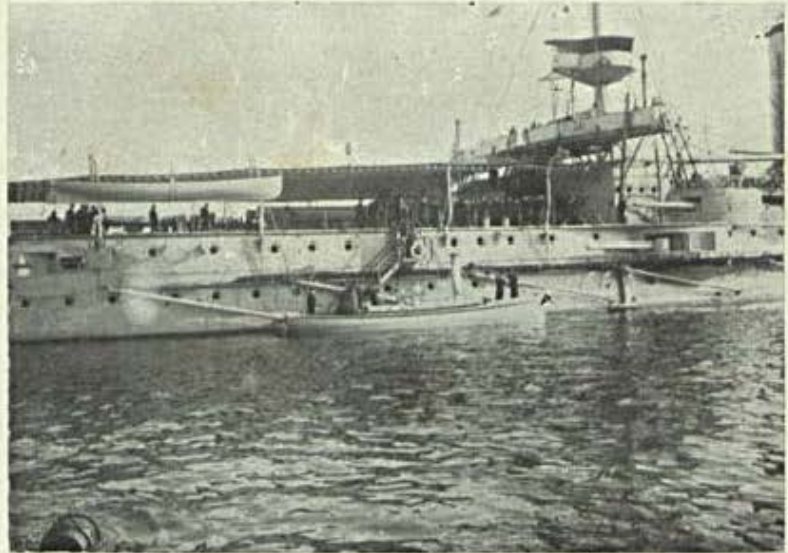
Com o correr do tempo, — aqui e ali uns plantiosinhos modestos e de curta vida, umas arvoretas mal medradas e de seiva pobrissima, umas tentativas de cultura, com melhor mão e melhor sombra; e eis quanto possuímos — uma litteratura dramatica de tres seculos.

Marcando estadios, encontrámos do lado que antecede o periodo moderno, Antonio José, chistoso ainda hoje, Nicolau Luiz, o predilecto escriptor do theatro do Bairro Alto, o honrado Manuel de Figueiredo, de quem dizia Garrett, que *havia ali ouro de Ennio com que*

navegadores de mais porte, e hoje ali vêmos alguns, que, se não chegaram á Colchida a tosquiar o velho d'ouro, tem deixado uma larga e luminosa esteira na ondulação de muitas vagas.

O trabalho de que damos simples noticia, devido ao sr. Alberto Pimentel, é uma honrosa demonstração da sua afincada solicitude e do seu alto criterio.

Os mineiros de antigas preciosidades, vão sendo hoje muito mais raros que os cysnes pretos. O facil apparatus de um engenho hypothetico, a transformação do atrio das deusas em boca de alfurja, guisalhar farfante da obscenidade soez ou do paradoxo alvar, tudo



A esquadra ingleza em Lagos.

Navio almirante «Exmouth». — Suas Magratades saindo de bordo

isso é muito mais ruidoso do que a excavação paciente; e a luz do sol tem a infinita bondade de illuminar esses aleijões litterarios, que a paspalhice mal encobre com o seu mantêo de missanga.

A obra de Antonio Ribeiro, o *Chiado*, pertence, como a de Gil Vicente, e a dos escriptores coevos no genero, ao limitado numero dos que fazem profissão séria das letras. Tropeça-se n'ella, a cada pagina, no archaismo da phrase e na semceremonia do conceito. Não ha ali perfumes de magnolias, nem boquinhas de damas fazendo contorções pudibundas.

Aquillo é o seculo XVI como n'elle se vivia e falava em salões e casas humildes.



A esquadra ingleza em Lagos. — Nas ruas de Lagos. Photographos inglezas

fazer muitos Virgílios; e nos tempos do abrolhar nascente, e como rebentos de grande arvore que deu por fructos a *Inez Pereira*, *Mo fua Mendes* e os antes das *Barcas*, temos só para repastó de algumas horas, Simão Machado, Antonio Prestes e Antonio Ribeiro Chiado, cujas obras foram agora colligidas, annotadas e prefaciadas pelo sr. Alberto Pimentel.

Quando abaliso por esta maneira a historia da nossa litteratura dramatica, evidente é que não trato das manifestações de talento e de aptidão para o genero, a partir do auctor do *Catão* e de *Fr. Luiz de Souza*.

Diga-se ainda em abono nosso, e para confusão de maisins, que, a navegação costeira em que por muito tempo se andou, mariscando-se pelas enseadas do theatro francez, não tolheu a audacia a



Lagos. — Vendedores de peixe

Assesta-se a frecha, sobretudo aos palacianos e aos frades, e ella lá vae seu caminho, com grande applauso, como se deve inferir, dos que assistiam áquellas execuções scenicas.

E note se que o Chiado era frade, como palaciano era o Gil, sem embargo d'aquelle ser um frade *bargante e dizidor*; o que deu materia a Affonso Alvaro, mulato e poeta do tempo, para o flagellar em saídas quintilhas.

A querella entre estes dois inimigos, na qual de parte a parte se não poupam doestos de regateiras, faz lembrar as escaramuças do Bocage e do Caldas, em que este ultimo, coitado, inamou muito mais surra no pélo, do que porventura lhe haviam dado em cháraras brasileiras.

Um dos pontos curiosos, com relação ao Chiado, é saber se foi elle, o *coprejador*, que deu o nome á rua, ou se foi a rua que deu a alcunha ao poeta.

O sr. Alberto pimentel, citando e commentando as opiniões do abbade Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana*, de Cunha Rivara, no *Panorama*, de Innocencio da Silva, do visconde de Castilho (Julio), e compulsando muitos documentos da epoca, chega a concluir, que, foi a rua que recebeu o nome do poeta.

Para isso estriba se em varias considerações, taes como, que, *Chiado*, segundo os dictionarios, é termo asiatico, significando *malicioso*, que este epitheto quadra ao poeta, como se vê em mais de

vessa do *Enviado de Inglaterra*, a de *Estecão Galhardo*, a calçada do *Garcia*, o largo do *Intendente*, a travessa do *Pessanha*, o largo do *Quintella*, e por ultimo, se a memoria me não atração como um galopim vendido, não tivemos a travessa do *Pintor*, por haver n'ella morado, segundo se diz, o insigne Pedro Alexandrino?

E' bem de crêr que esta denominação de logares derivava do conhecimento ou popularidade dos moradores. Quem se lembraria

No comicio do dia 24 de fevereiro



Dr. Magalhães Lima

uma passagem das satyras de Affonso Alvares, n'uma das quaes este parece alludir á alcunha, quando diz:

que como te ouvi chiar

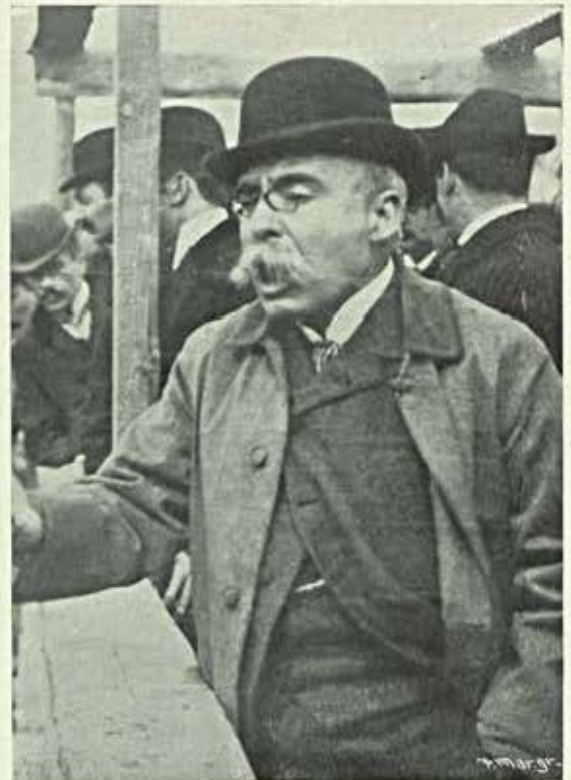
e, portanto, que nada repugna admittir a hypothese de que em razão da sua vida escandalosa fosse dada ao poeta uma alcunha que lembrava a sua notoriedade como dizidor e bargante.

Estamos em absoluta harmonia com o modo de vêr do sr. Alberto Pimentel.

Que as ruas dêem o nome aos moradores, não nos parece, em regra, accetavel; antes abundam indicios de que os nomes ou cognomes dos moradores é que induzem á denominação dos sitios.

Antes do recente baptismo e chrisma da nossa edilidade, Lisboa fornecia-nos, e ainda fornece, mais de um depoimento abonatorio.

Não temos nós a calçada de *Agostinho Carvalho*, a travessa de *André Valente*, a do *D. Braz*, a rua do *Cetano Palha*, a do *Cura*, a tra-



No comicio do dia 24 de fevereiro
Consiglieri Pedrosa

da palavra *Chiado*, ou o que queria ella dizer para nome de rua, antes de ahí haver residido *Chiado*, o poeta?

Aqui fica uma rapida, mas sufficiente noticia d'este bello e valioso trabalho do sr. Alberto Pimentel.

Em carta-prefacio, dirigida ao sr. João Eduardo Gomes de Barros, confessa elle o generoso auxilio d'este cavalheiro, para que o seu trabalho de interprete e annotador podesse vir á luz publica.

Não devo eu de nenhum modo, esprañar-me ou demorar-me em

Viscondessa de Barcellinhos



† em Lisboa — Fevereiro de 1907

conselho e do ministro dos estrangeiros, o panegyrico da vida e da obra do grande cidadão argentino, as collectividades acima referidas, fazendo reunir n'um almoço os representantes do commercio, da finança, da diplomacia e da imprensa, o ministro do Brasil conseguindo reflectir na sua palavra toda a admiração do seu paiz por aquelle que foi o primeiro magistrado da Republica quasi sua vizinha, e finalmente o jornalismo ao salientar nas suas columnas os traços que melhor caracterisam a notavel personalidade de um hospede por tantos titulos illustre.

Somos nós talvez os ultimos nas homenagens actuaes, mas consola-nos a ideia de que ainda nem tinha pensado em abordar a Portugal o general Rocca, e já as paginas do *Brasil-Portugal* se tinham honrado fixando a sua figura inconfundivel e pondo em relevo toda a sua phisionomia moral, intellectiva e politica.

Elle mesmo, ao rever agora essas paginas, durante as curtas horas do Mont'Estoril, teve para um dos directores do *Brasil-Portugal* palavras que profundamente nos captivaram a todos.

Não muitas horas teem decorrido desde que deixou o nosso paiz quem com a sua visita o honrará. Oxalá que o magico panorama da cidade, e as ridentes paisagens de Cintra, e o luminoso encanto da nossa *côte d'azur* que vae de Lisboa a Cascaes, lhe fiquem tão gravadas na retina, como decerto lhe ficaram gravadas no coração e na memoria a nossa hospitalidade, formada ao mesmo tempo de sinceridade, de cortezia, de gratidão e de entusiasmo.

JAYME VICTOR.



Theatros

D. Maria, Amor à antiga. — D. Amelia, Tina di Lorenzo. Príncipe Real, A noite do Calvario.

A comedia em quatro actos *Amor à antiga*, do sr. Augusto de Castro, prova mais uma vez a falsidade da asserção feita por aquelles que só reputam grandes obras do theatro as que o publico faz durar em scena com a sua assistencia, e sanciona com os seus applausos. Não. Ha peças más, mediocres, falsas, sem grandeza, sem ideal, que as plateias applaudem com delirio e mantêm longo tempo. Ao contrario, ha obras dramaticas, de uma delicadeza de tintas, de um brilho de linguagem, de um desenho de personagens, de uma logica de acção, tão fora do vulgar, tão repassada de sentimento artistico, tão reveladora de um seguro conhecimento do *métier*, que dir-se hia estar tudo isto em harmonia perfeita com o gosto, com a sensibilidade, com a critica, com a emoção do publico.

Pois não succede assim, e ahi teem uma prova: *O amor à antiga*. Na obra dos modernos escriptores portuguezes não conhecemos trabalho de theatro que exceda este. Não ha por ahi assim acção que deslize com mais serenidade e logica; nem personagens que sejam typos vividos, mas typos de theatro e não de romance, figuras que quatro traços bastam para accentuar e definir; nem um tão scintillante esfusiar de espirito, mas espirito intellectual, chamemos-lhe assim, espirito moderno, despretencioso, sem vestir pelo figurino francez, como é de uso, espirito bem nosso, fino, levemente caustico por vezes, suggestivo e intencional.

Ha de tudo isto, e á farta, no *Amor à antiga*, e tudo isso a par de um cuidadoso estudo de costumes e habitos da provincia, de esculpulos na escolha da linguagem propria, e de uma tal proporção nas linhas geraes da peça, um tão meticuloso preparo de detalhes accentuadamente theatraes, que dir-se hia ser obra de escriptor muito affeito ás lides dramaticas e experimentado em vencer as difficuldades scenicas.

Porque não teve o exito que merecia, e que seria de justiça corresponder a tantos e tão ricos predicados, a peça do sr. Augusto de Castro?

Não o diremos nós, que não estamos aqui para chamar nomes feios ao publico portuguez, basta que

*Digam agora os sabios da Escriptura
Que segredos são estes da natura.*

Basta-nos registar o facto, que não podendo em coisa alguma desvalorisar o talento brilhante e provado do moço escriptor, serve para explicar cabalmente, pela reciproca, a gloriosa e longa vida de *O Brasileiro Pancrácio* e de *O Drama no fundo do mar*... por exemplo.

Estas observações impostas pela consciencia roubam-nos o espaço para a critica demorada que a comedia pede e era nossa intenção deixar aqui registada.

Se nos desviámos d'esse caminho e enveredámos por outro, perdõem-nos os nossos leitores, em nome da verdade, á qual hoje sacrificamos a missão de chronicistas.

O que não devemos nem queremos é deixar de escrever aqui, com o mais rasgado elogio, os nomes dos principaes artistas que

tanto relevo deram aos personagens e com tanto brilho accentuaram os typos mais salientes do *Amor à antiga*.

São elles: Ferreira da Silva, primorosissimo n'aquelle tio cheio de espirito, de conceitos e de conhecimento da vida; Anna Pereira, sempre tão senhora e tão correcta; Joaquim Costa, o comico, o authentico, o engraçadissimo abbade; Augusto de Mello, o correctissimo fidalgo, que nunca perde a nobreza da linha, e Ignacio, o recebedor apaixonado e levemente grotesco, e Augusta Cordeiro e Cecilia Machado e Carlos Santos e Delphina Cruz e Galvão, porque todos elles deram á brilhante comedia do sr. Augusto de Castro um desempenho que pede todo o louvor.

Lisboa vae ter dentro em pouco a fortuna de ver e admirar uma das glorias artisticas da moderna Italia: Tina di Lorenzo. E' um novo requinte de prazer intellectual que vae experimentar, e pelo qual nunca serão de mais todos os seus agradecimentos á arrojada empreza do theatro **D. Amelia** que porfiou em trazer a Lisboa todas as celebridades artisticas do mundo.

Tina não é só uma das maiores artistas, é fambem uma das mais formosas mulheres. Tem esta dupla grandeza e este duplo encanto. Fadou-a a natureza com os dotes e predicados da belleza feminina, a arte aureolou-a com os seus melhores esplendores.

Adjectivos que engrandecem e exaltam, desde a *Angelical* dos italianos até á *Encantadora*, dos americanos do norte, não ha nenhum com que não tenham coroado ao mesmo tempo o talento fascinante d'essa artista e a radiosa belleza d'essa mulher.

Vamos vel-a no seu vasto repertorio, coustituido por peças quasi todas nossas conhecidas. E com ella vamos applaudir os artistas que a acompanham, entre os quaes se destacam Armando Falconi, o já glorioso actor, marido de Tina, Luigi Carini, e outros ainda, todos os quaes a photogravura reproduz hoje nas paginas do *Brasil Portugal*.

No **Príncipe Real** teve logo na primeira noite a consagração de um publico escolhido e exigente o drama do sr. Marcellino de Mesquita: *A Noite do Calvario*, já conhecido no Brasil.

Em tempo foi elle prohibido como um escandalo e esperado como um acontecimento. Dizia-se que trazia para o tablado scenas e lances que por demais tinham emocionado a sociedade de Lisboa, e o nosso pudor de ouvido, hypocrita e falso, não podia admittir que o que pertencera ao dominio dos tribunales e do publico pedesse ser sentido por um escriptor e transplantado para um palco, sob um ponto de vista, que devia ser elevadamente artistico e talvez superiormente moralista.

Esta era a critica que da prohibição resultara, mas posta agora em scena *A Noite do Calvario*, vê-se que os motivos do panico... nem existiam.

E' assumpto velho o da peça: o adulterio e a vingança de um marido, e para ser tratado pela forma violenta, dramatica e brilhante, que caracteriza toda a obra theatral do sr. Marcellino de Mesquita, não era preciso que se dessem casos *ad hoc*, nem adulterios recentes, nem assassinatos ruidosos. O fim do auctor é claro, e fortemente accentuado no ultimo acto: risque-se dos codigos a auctoriscação de matar e a impunidade que elles asseguram aos que matam quando se reconhecem trahidos nos seus direitos conjugaes. E' só isto. E' uma peça de protesto, e de revolta, feita com alma, com vigor, com vibração. Da já vasta galeria do auctor é porventura a que mais qualidades accumula, desde o poder suggestivo da linguagem até á intensidade dramatica da acção.

A Palmyra Torres, Lucinda do Carmo, Gil e Ernesto Valle, couberam os papeis mais importantes do drama, e estes foram com effeito os artistas que tiveram as honras do desempenho.

Pelos outros theatros não ha novidades a registar.



Dr. Augusto de Castro
Auctor do «Amor à antiga»

"AMOR Á ANTIGA,"

Comedia em quatro actos
original de Augusto de Castro, representada pela primeira vez
no Theatro D. Maria II na noite de 16 de fevreiro

Excerpto do 2.º acto

SCENA IV

Lopo e Jorge

JORGE

... Falam todos de Luiza como se ella não fosse uma creança...

LOPO

Luiza para tí só deixará de ser creança quando enviuar, fizer boquinhas e não confessar a idade. Perfeitamente. A tua D. Margarida casou aos dezesseis. Aos dezeseite naturalmente aborrecia o marido, aos dezoito — idade que tem a tua prima — atraioava-o... (*fingindo reflectir*) Margarida, emfim tem uma certa educação... Eu te digo: atraioava-o pela primeira vez.

JORGE

Meu tio! Não tem o direito de falar por essa forma deante de mim da honra de Margarida.

LOPO

Em primeiro logar, a honra de Margarida a que me refiro interessa apenas ao marido defunto e não á tua presumptiva categoria de marido futuro. Em segundo logar, eu disse *naturalmente*. Naturalmente, bem vêa, é muita coisa.

JORGE (*com severidade*)

Suppunha que os homens do seu tempo não se permittiam falar d'essa forma calumniosa das senhoras das suas relações — e da estima dos seus amigos. Os gracejos têm o seu logar e têm os seus termos. O tio respeitou sempre Margarida, respeitou sempre Leonor...

LOPO

Os homens do meu tempo tinham uma certa parcimonia — mais que os d'hoje — em distribuir por este mundo de Christo o seu respeito. Sobretudo quando esses homens do meu tempo chegam á minha idade e têm visto o mundo de perto como eu, com alegria de vez emquando, com desgosto algumas vezes, com fastio quasi sempre, julgam do seu dever desfazer a sorrir as exaltações equivoacas da mocidade e fazel-a ver claro, se é possível ou se ainda é tempo. É um triste direito e a unica missão que nos fica, á nós que não temos familia, que nos arruinamos em cavallos e em bailarinas, e que ás vezes temos um sobrinho nas tuas condições.

JORGE (*ainda secco*)

Agradeço-lhe, meu tio, os conselhos da sua experiencia, conquistada com cavallos e com bailarinas...

LOPO (*rindo*)

Chega-me alfinetadas d'essas, rapaz! Isto é pello callejado, filho, — não entra! Vamos de vagar, se me dá licença. Isto de pé não vae. (*dando-lhe uma cadeira*) Toma lá uma cadeira, modera os teus impetos...

JORGE

Mas eu tenho de sahir. (*vendo o relógio*) São horas. Esperam-me.

LOPO

Ha occasiões em que é bom a gente fazer-se esperar mesmo por uma senhora. Eoquanto se espera pensa-se, enquanto se pensa... emfim, enquanto se pensa passa-se o tempo. Deixa-a passar um bocado de tempo a pensar. Faz sempre bem á salvação da alma. (*Pausa*) Tu disseste que eu tenho respeitado Margarida e Leonor. Distingamos, distingamos, se me fazes obsequio. Leonor é uma senhora casada. Surgiu aqui, como viste, com um marido que se esquece da mulher a dormir e quando está accordado adormece para a esquecer. E' nova, usa meias de seda, tem as unhas polidas, um certo geito de levantar os olhos... Bem vêa, essas coisas nunca são indifferentes a um homem como eu. Essa, portanto, respeito-a, fazendo-lhe a côrte. Crê, meu caro, que mulheres que usam meias de seda, as unhas polidas, tem o tal geito de levantar os olhos, e, ainda por cima, um marido que adormece sempre ao fazer das digestões, — a unica forma de respeito que apre-

ciam em nós, é a de lhe darmos galantemente a entender que invejamos os maridos — quando elles estão accordados. Por seu turno, ella corresponde á minha côrte, esquivando-se. (*Gesto de Jorge.*) E' dos livros, menino. Pertence ao numero das mulheres que não caem — e se contentam em nos dar todos os dias a voluptuosa impressão de que vão emfim tropeçar. E' uma forma, como qualquer outra de sensualidade feita apenas de *preliminares*... Ha quem goste, não é o meu forte. Isto entre nós.

JORGE

Mas Margarida... Que tem o tio que lhe dizer?...

LOPO

Margarida deve ser mais velha do que a irmã.

JORGE

Anno e meio mais, só

LOPO

Ella disse te a idade? Adoravel! Ao caso pouco importa. Margarida tem certo espirito, certa desenvoltura — não ha que negal-o. Mas tu dáa-me a tua palavra d'honra que pensaste logo em fazer d'ella tua mulher a primeira vez que a viste?

JORGE

A primeira vez que a vi — decerto que não.

LOPO

Mas a primeira vez em que lhe disseste que a amavas?

JORGE

Não me recordo. Não sei o que pensava então, sei o que penso agora — e basta.

LOPO

Não pensaste, com certeza. Tu começaste por galanteio, seguiste por capricho e — visto que ella resiste a ser tua amante, queres fazer d'ella tua mulher. (*Gesto de Jorge*) Tua amante, sim! Quando percebi que tu a cortejavas, nunca imaginei outra coisa — e quando tu ha pouco me disseste alli, em duas palavras, o que tinha succedido com teu pae — eu supuz entender mal a tua phrase a respeito de Margarida. Teu pae depois repetiu-m'a. Fiquei inteirado. Oijo essa tua decisão matrimonial agora pela terceira vez. E sôa-me mal. Quando uma coisa d'essas sôa mal aos outros, nunca fica bem aos proprios.

JORGE

Eu não me importo com os outros. Trata-se de mim. Amo Margarida.

LOPO

Pois sim. Se te satisfaz acreditar isso — não serei eu quem te roube esse prazer! Mas dize-me cá: se Margarida agora te concedesse uma entrevista... Tu já lhe pediste uma entrevista?

JORGE

Não.

LOPO

Esse «não» quer dizer sim. Pediste. Ella negou-t'a. Se ella te concedesse esta noite, a sós, esse encontro — tu tens a certeza de que a respeitarias absolutamente? Não respondes. Não tens. Se tivesses essa certeza, não lhe pedias a entrevista — por que ella era inutil. Ora uma mulher a quem se pede uma entrevista de noite, mesmo que ella a negue, não é nunca a mulher com quem se casa.

JORGE (*levantando-se*)

Nós estamos-nos entretendo n'uma discussão perfeitamente inutil. Sou senhor das minhas acções — só a mim cabe a sua responsabilidade.

LOPO

Enganas te — e vá lá mais esta sentença d'um tio tonto, um tio bom rapaz, um tio tagarella. Nós nunca somos inteiramente senhores das nossas acções. Sempre um pouco da nossa conducta affecta, fere o lisongeia outros. E' o teu caso. Tu tens o direito de esmigalhar a cabeça d'encontro a uma esquina, de te atirares para debaixo d'um comboio, de fazeres como eu: metter-te n'uma tipoiá d'aluguer com uma dama pintada, e meia duzia d'amigos, dar duas voltas, perder uma duzia de noites e deixar na mão do cocheiro, no regaço da dama, e no bolso do amigo, o que te devia chegar para comer no resto da vida; seguir mesmo o exemplo de tua mãe, — da tua pobre mãe, — que deixou ir em esmolas, em missas, e em frades, — vê lá a differença, e eramos irmãos! o que era de teu pae, e quasi tudo o que era d'ella, emfim, tu tens o direito de fazer tudo isto e mais, ainda. Não te deshonra, não te faz ridiculo, não te rebaixa. Trata-se de ti. Mas n'um casamento empenhas o teu nome, prendes para sempre toda a parte moral da tua vida...

Emfim, tu não gostas do sermão! Mas isto já te serviu. Embora tu penses que não, já te serviu. Vae dar o teu passeio, tenham ambos muito cuidado com o sol, descansem os cavallos n'uma sombra e tu aproveita a solidão e a fresca, e vae insistindo sempre pela entrevista. Toma o meu conselho. Depois talvez me digas as tuas impressões. Vae, vae. E olha o meu conselho: a fresca, a sombra... Não sei se me entendes?...

Jorge (indo a sair e voltando atraz)

Seria bom o tio procurar Luiza, falar-lhe... Enquanto eu vou ver se o cavallo está sellado...

Loro (parando deante d'elle, e olhando-o, fixamente, a sorrir)

E queres saber a resposta antes de sahir?

Jorge (sahindo, sem querer denunciar-se)

Não. É-me indiferente. Faça o tio como entender.

Loro (acompanhando-o á porta da E.-F.)

E sem rancor, hein? O que te disse, a respeito de Margarida... não te lembres mais d'isso, a não ser á sombra, á fresca, se tiveres occasião. Emfim, não leves a mal! (Jorge sae pela E.-F. Loro, depois do Jorge sair, vae á porta que dá para o terraço. Para baixo:) Então não lhes faz mal o calor?

VISCONDESSA (fóra)

Está d'arder!

Loro, (para fóra ainda)

O nosso Mena vem carbonizado não? (saindo pelo terraço.-D.) Vou-lhe offerecer o meu braço, Viscondessa.

Augusto do Castro.



COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA

DE

Tina di Lorenzo e Armando Falconi



1, Tina di Lorenzo — 2, Nerina Grossi — 3, Giulia Cassini — 4, Elide Rossotti — 5, Letizia Bonafini — 6, Marinella B. Marazzi — 7, Renata Sainati — 8, Virginia del Moyo — 9, Giulia Masini — 10, Dirce Piergiovanni — 11, Consuelo Valenti — 12, Eugenia Brizzi — 13, Luigina Cellino — 14, Ernestina Bartolani — 15, Elvira Brizzi — 16, Concetta Rissone — 17, Luigi Carini — 18, Armando Falconi — 19, Alberto Nipoti — 20, Odoardo Bonafini — 21, Alfonso Cassini — 22, E. R. Brizzi — 23, Carlo Tedeschi — 24, Cesare Zoppetti — 25, Carlo Serbolisca — 26, Antonio Valenti — 27, Corrado Gianni — 28, Angelo Foa — 29, Giuseppe Minuccelli — 30, Coriolano Rissone — 31, Alfredo Masini — 32, Olinto Cristina — 33, Vittorio M. Diligenti — 34, Eugenio Rizzardi — 35, Ignazio Accardi — 36, Emilio Flaminio.